



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ LEOMAX FERREIRA DOS SANTOS

**FACES DO RACISMO NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

JOÃO PESSOA - PB

2020

JOSÉ LEOMAX FERREIRA DOS SANTOS

**FACES DO RACISMO NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para
obtenção da Licenciatura plena em Letras – Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da
Silva

João Pessoa

2020

JOSÉ LEOMAX FERREIRA DOS SANTOS

**FACES DO RACISMO NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva
(Orientadora – UFPB/ DLCV)

Prof^a. Dr^a. Carolina Batista de Souza
(Examinadora – UFPB/ DLCV)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Carneiro da Silva
(Examinadora – UFPB/ DLCV)

João Pessoa
2020

*Dedico este trabalho a todos e todas que
contribuíram, direta ou indiretamente, para a
minha formação acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial, a minha mãe, Elizabeth Ferreira de Lima (in memorian), que me deu a vida.

A minha esposa, Anailza, por sempre me incentivar e me compreender nos momentos difíceis.

A Cinthia Danielle, uma grande amiga, que sempre me auxiliou em vários momentos e em atividades.

A Edson Pontes, outro grande amigo, que sempre me apoiou nas escolhas tomadas.

A Amanda Pereira, que em vários momentos pude contar com ela.

A Lully, uma pessoa muito importante na reta final da minha graduação.

A minha orientadora, Dra. Professora Franciane Conceição Silva, pela acolhida, incentivo e pelo papel fundamental que desempenhou para a concretização deste trabalho.

A Banca Examinadora, pelo olhar cuidadoso e pelas contribuições generosas.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e disponibilidade para me auxiliar em vários momentos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, no intuito de compreender diferentes manifestações do racismo na narrativa, especialmente, em torno da protagonista Ponciá Vicêncio. No decorrer da análise, demonstramos que as violências às quais a protagonista da obra é submetida revela o quanto a herança herdada do escravismo esteve e, na verdade, ainda se faz presente na sociedade brasileira, mitigando o direito à dignidade de mulheres negras e quebrando a premissa do famigerado mito da Democracia Racial. Dialogando com a obra, o leitor entenderá que os valores herdados do período escravocrata fundamentaram valores negativos sobre o negro que se arraigaram na nossa sociedade e produziram uma cultura depreciativa acerca da mulher negra, representada nessa narrativa. Como metodologia de pesquisa, realizou-se um estudo bibliográfico qualitativo da obra de Evaristo (2003), embasado por outros estudos recentes que discutem a temática do racismo como os de Albuquerque e Filho (2006), Davis (2016), Queiroz e Queluz (2016), dentre outros utilizados na discussão teórica. Os resultados da pesquisa nos levaram a concluir que o racismo sofrido pela personagem Ponciá Vicêncio constitui-se como uma grande violência, que assim como na ficção, ainda é uma realidade presente no cotidiano de mulheres e homens negros na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Mulher Negra; Racismo; Violência; Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyse the novel Ponciá Vicêncio, of Conceição Evaristo, in the intention of understanding different demonstrations of the racism in the narrative, specially, around the protagonist Ponciá Vicêncio. In the course of the analysis, we demonstrate what the violence to which the protagonist of the work is subdued reveals it as for inherited inheritance of the slavery it was and, in fact, one still does presently in the Brazilian society, moderating the right to the dignity of black women and breaking the premise of the notorious myth of the Racial Democracy. Talking to the work the reader will understand that the inherited values of the proslavery period substantiated negative values on the black man that settled in our society and produced a culture derogatory about the black woman represented in this narrative. Like inquiry methodology, there happened a qualitative bibliographical study of Evaristo's work (2003), based for other recent studies that discuss the theme of the racism as those of Albuquerque and Son (2006), Davis (2016), Queiroz and Queluz (2016) among others used in the theoretical discussion. The results of the inquiry led us to end what the racism suffered by the character Ponciá Vicêncio constitutes like a great violence, that as well as in the fiction, it is still present fact the daily life of women and black men the Brazilian society.

Keywords: Black woman; Racism; Violence; Afro-Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
 CAPÍTULO I	
O negro no Brasil escravocrata: vidas submetidas a violências e violações	06
 CAPÍTULO II	
Ponciá Vicêncio: corpo negro-mulher marcado pelo chicote de múltiplas opressões.....	10
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
 REFERÊNCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar de conclamar-se como Estado Democrático e de Direitos, traz uma triste trajetória histórica de segregação étnico-racial, preconceito, discriminação, exclusão e práticas de racismo contra sujeitos negros, silenciadas na maioria das vezes, pelo fato de que nosso país, de suas remotas origens aos dias atuais, é composto por uma significativa parcela de sua população que mantém a tendência cultural de menosprezar e ocultar o racismo.

Entretanto, a Carta Cidadã de 1988, em seu Art.5º estabeleceu a prerrogativa de que todos são iguais, sem distinção de qualquer natureza e em seu inciso XLII, reconheceu a prática de racismo como sendo “um crime inafiançável e imprescindível” (BRASIL, 2018, p.11).

Desse momento em diante, despontou no Brasil um interesse crescente da parte da comunidade acadêmica e da sociedade civil organizada pela temática do combate a prática do racismo, uma vez que na contemporaneidade, as pessoas negras são reconhecidas como cidadãs de direitos, devendo, portanto, serem respeitadas e valorizadas na sociedade, uma vez que a ideia de democracia pressupõe atitudes de respeito às diferenças multiculturais.

Na busca de adquirir maiores conhecimentos teóricos acerca do racismo, despontou em mim, enquanto graduando, o interesse em desenvolver esse estudo para encontrar respostas à seguinte indagação: O racismo denunciado em Ponciá Vicêncio reflete à condição de inferioridade imposta aos negros pelos detentores do poder? Como objetivos específicos nossa pretensão foi: Discutir a condição de subalternização enfrentada pelos negros no Brasil; Apontar atitudes racistas visíveis e invisíveis que marcam a história da mulher negra em *Ponciá Vicêncio*; Relatar algumas situações de opressão enfrentadas pela personagem Ponciá Vicêncio.

Como bem afirma Davis (2016, p.23): “Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras”.

Para o estudo em tela adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica de caráter descritiva e explicativa, uma vez que a mesma como bem pontua Ruiz (2002, p.64): “[...] é realizada com o objetivo de explicar um problema através de

referenciais escritos. Pode constituir-se como um trabalho em si mesmo ou como parte da pesquisa descritiva ou explicativa”.

Ante o exposto, pela importância social que o tema do combate ao racismo exerce na sociedade contemporânea, justifica-se a escolha do tema para análise e discussão pelo fato que Conceição Evaristo (2003) com sua narrativa nos propicia momentos importantes de reflexão-crítica em torno da questão da mulher negra no Brasil, especialmente, quando descrever minuciosamente momentos desumanizantes de violência simbólica, de gênero, exclusão, discriminação social e várias práticas de racismo enfrentadas por Ponciá e sua família, mas que devido à vitalidade e coragem da mesma e de seus familiares os tornaram mais fortes do que os rigores dos algozes e as inúmeras situações de violação da dignidade humana que marcam historicamente o regime escravocrata no Brasil.

CAPÍTULO 1

O negro no Brasil escravocrata: vidas submetidas a violências e violações

Dialogando com as memórias do romance *Ponciá Vicêncio*, veremos que da antiguidade à modernidade, muitas pessoas sempre foram afetadas pela prática do racismo, da violência simbólica e estrutural e outras formas de violência impostas aos indivíduos que foram subjugados durante o período escravocrata e por não existir ainda um sistema protetor e articulado para o seu enfrentamento, como temos na contemporaneidade. Famílias negras em todas as partes do mundo e, em especial, no Brasil, viram-se forçadas a conviver com múltiplas injustiças sociais que nas últimas décadas de nosso século são reconhecidas como grave violação de direitos humanos.

A narrativa de Evaristo (2003) do prefácio à síntese final da obra representa diversos momentos históricos de submissão, opressão e múltiplos outros sofrimentos impostos ao povo africano durante o regime escravocrata e que hoje, após várias décadas de fim da escravidão no Brasil, seus ranços ainda se fazem presentes na vida de milhares de pessoas negras, pauperizados, com baixo nível de escolarização e até mesmo de indivíduos negros intelectualizados, mas que também são afetados pela cultura da inferioridade, do racismo e da discriminação social imposta a tais sujeitos, uma consequência direta do poder hegemônico da classe dominante sobre os menos favorecidos.

Na conjuntura implantada pelo sistema escravocrata que proporcionou uma nova ordem política, econômica, cultural e social, os conhecimentos e valores culturais dos outros povos que habitavam o Brasil, foram suplantados pela cultura europeia. O pensar, o agir e ser das pessoas escravizadas se tornou subordinado à cultura europeia, predominantemente elitista (DAVIS, 2016).

Faz-se oportuno observar que segundo Albuquerque e Filho (2016), no período escravocrata, as condições de trabalho impostas aos negros eram precárias e desumanas, qualquer distração já se tornava motivo para que o negro fosse chicoteado, sua alimentação era regrada, à noite ficavam presos nas senzalas, e

caso algum tivesse a coragem de tentar fugir da crueldade a que estavam subordinados, eram impedidos e sofriam severos castigos, quase sempre físicos, à base de chicotadas, os brancos assim silenciavam a voz de revolta que o negro trazia na alma insubmissa.

Evaristo (2003) relata bem a condição de subordinação do negro que não se atinha apenas ao trabalho braçal na roça do senhor branco, mas também como objeto de diversão para os filhos deste quando relata uma situação vivenciada pelo pai de Ponciá Vicêncio e contada aos filhos:

Era pajem do Sinhô-moço, tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o menino galopava. Tinha a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. O sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. (EVARISTO, 2003, p.17).

As narrativas contidas na obra de Evaristo denunciam a condição de subordinação vivenciada pelos negros, pois mesmo com a Lei Áurea em vigor, o pai da personagem Ponciá foi “pajem, foi escravo, tudo do Sinhô-moço e nada do Sinhô-moço” (EVARISTO, 2003, p.18). Tal narrativa demonstra que o Sinhô-moço já era impregnado pela concepção de que o negro não tinha nenhum valor social, estando assim condicionado a satisfazer seus mandos e desmandos.

Evaristo (2003) reafirma o pensamento acima de subordinação imposta ao negro quando descreve a relação social estabelecida entre o pai de Ponciá e o Sinhô-moço:

Um dia o coronelzinho, que já sabia lê, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. [...] Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? (EVARISTO, 2003, p.18).

Embora o pai de Ponciá e o sinhozinho fossem da mesma idade, já existia da parte do sinhô-moço um preconceito enraizado sobre o negro, uma vez que este, já convivia com a cultura que discriminava o negro e hierarquizava o branco, dessa forma, o sinhô-moço ao perceber que seu pajem também era inteligente, de imediato

para a brincadeira, pois no seu entendimento o domínio da arte de ler era restrito aos brancos e ainda considerava que tal conhecimento não teria utilidade para o negro, uma vez que para a sociedade da época, o negro figurava como mera ferramenta do trabalho braçal que sustentava o *status quo* dos brancos.

Sendo descendentes de africanos que foram trazidos ao Brasil para serem escravizados, Ponciá e seus familiares passaram a viver nas terras que o coronel Vicêncio doava aos negros para que continuassem a ser explorados em uma nova forma de escravidão, pois como bem relata Evaristo (2003, p.82): “[...] a cana, o café, o gado, toda a lavoura, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida”.

Vê-se claramente na citação acima que as diferenças raciais e sociais que fundamentaram a formação do povo brasileiro oprimiam e explorava tanto a força braçal quanto a capacidade psicológica de sobreviver dos negros, assim, durante todo o período escravista e até mesmo após o advento da Lei do Ventre Livre (1871), o escravo ainda permaneceu sendo considerado força motriz das atividades laborais, uma engrenagem para impulsionar o enriquecimento da classe elitista como veremos a seguir:

Os negros do campo cultivavam para a exportação — atividade que dava sentido à colonização — a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o café, além de se encarregarem da extração dos metais preciosos. Os negros de ofício especializaram-se na moagem da cana e no preparo do açúcar, em trabalhos de construção, carpintaria, olaria, sapataria, ferraria, etc. Quanto aos negros domésticos, escolhidos em geral entre os mais "sociáveis", cuidavam de praticamente todo o serviço das casas-grandes e habitações urbanas: carregar água, retirar o lixo, além de transportar fardos e os seus senhores em redes, cadeiras e palanquins. (BRASIL/IBILIOTECA NACIONAL, 1998, p.9).

Convém desde já, sublinhar, que enquanto o branco usufruía os rendimentos e privilégios obtidos pela exploração massiva do trabalho escravo, os negros sofriam as penúrias da subordinação a que estavam condicionados. A própria Ponciá Vicêncio trazia imbuída em si uma marca da dominação do branco elitista sobre os negros por ter recebido o sobrenome do Coronel Vicêncio proprietário de seu avô, já que havia o costume de que todo escravo que nascia nas terras de seus donos, recebesse seu sobrenome como forma de demonstrar à sociedade a quem o negro

pertencia. Ponciá embora não expusesse seu sentimento de revolta, interiormente questionava tal subordinação ao pontuar: “[...] o tempo passou, deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2003, p.27).

Importante destacar que mesmo vivendo num estado que podemos chamar de semiliberdade, os negros não deixaram de ser escravo, sua subsistência e de seus familiares continuou presa aos seus algozes. Os que viviam nas áreas rurais ocupavam terras doadas ou arrendadas pelos antigos senhores, que, na verdade constituía uma forma de seus “ex-senhores mantê-los presos à propriedade e continuar beneficiando-se já que boa parte do que plantavam eram entregues aos donos legais das terras” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2016, p.65). Ou seja, não eram de fato livres, pelo contrário, permaneciam sob o jugo da escravidão.

Grosso modo, forjou-se uma estrutura social, política e econômica em que a presença do negro só era aceita pela sociedade elitista visando satisfazer alguns de seus interesses e basicamente, todos os locais em que estes podiam estar presentes eram destinados à realização de trabalhos, quer fossem domésticos ou nas lavouras desde que rendessem sempre benefícios para a elite dominante.

CAPÍTULO 2

Ponciá Vicêncio: corpo negro-mulher marcado pelo chicote de múltiplas opressões

Conforme tem se discutido, o Brasil, mesmo tendo tido seu processo de formação dependente de diferentes povos (europeus, africanos e indígenas), prevaleceu imperante por várias décadas a cultura europeia, branca e elitista, fortemente marcada por atitudes de discriminação racial, de gênero, menosprezo intelectual e social sobre a população negra. Nesse contexto, o negro nada mais era do que unicamente a força braçal para produzir o enriquecimento dos brancos, seus senhores, ex-senhores e subsequentemente, da nação, que expandia seu desenvolvimento a base da exploração da mão de obra dos negros (DAVIS, 2016, p.55). O Brasil se fortalecia como nação em processo de expansão política e econômica e por outro lado, os negros eram massacrados pelo sistema escravocrata implantado em nosso país.

A situação de exclusão a que a população negra foi submetida no Brasil desde o século 16 é fruto de racismo. Como ideologia, o racismo foi fundado pelo pensador francês Joseph-Arthur de Gobineau (1816-1882) em seu Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas (1853-1855). Essa doutrina baseava-se em três pontos principais: a existência de várias raças humanas, a compreensão das diferenças entre as raças como fatores essenciais do processo histórico-social e a afirmação da existência de uma raça superior. (BRASIL, 2005, p.12).

Nesse contexto social e cultural de exploração dos negros, as mulheres também foram menosprezadas, exploradas pela sociedade patriarcalista, sendo constantemente submetidas ao trabalho doméstico, à função de mães-pretas, de objeto sexual para satisfazer seus senhores e, subsequentemente, utilizadas como reprodutoras de novos escravos, cujo destino seria unicamente satisfazer os

interesses de ascensão econômica almejado pelos senhores de escravos, detentores do poder (ALBUQUERQUE; FILHO, 2016).

Como bem destaca Strey (2011, p.182) “Cada cultura tem imagens prevaletentes do que homens e mulheres devem ser e nessa visão, as diferenças entre homem e mulher refletem fatores culturais, construídos e aceitos socialmente como legítimos”. Tratando-se especificamente do patriarcado, hierarquicamente, os homens detinham o poder e a mulher tinha como obrigação o dever de estar sempre subordinada a essa ordem social. “A dominação colonial levou os europeus à configuração da colonialidade de gênero. Os alvos desta política foram às mulheres nativas e africanas, cujos corpos passaram a serem tratados como objetos, coisas” (QUEIROZ; QUELUZ, 2016, p.22).

As mulheres negras embora tenham contribuído com a ascensão dos detentores do poder, não eram consideradas importantes no paradigma burguês e elitista do Estado. Sua visibilidade na sociedade como bem se pontuou mais acima estava restrita a favorecer a expansão econômica pretendida pela elite brasileira, eram exploradas em sua força de trabalho, sexualmente, convertidas em meras reprodutoras e sofriam os mesmos castigos que eram destinados aos homens negros escravizados.

Na vereda destes questionamentos, merece ser realçado que apesar da mulher da classe burguesa ter também como destino tornar-se submissa ao marido, ser esposa devota, matriarca dedicada à educação dos filhos, as mulheres negras eram tratadas como meros objetos pelos seus senhores, conviviam com atitudes racistas, preconceituosas, discriminatórias e muita violência praticadas por suas senhoras, especialmente as negras que se tornavam alvo do desejo sexual do senhor escravocrata (DAVIS, 2016).

Verifica-se, portanto, que o sistema patriarcal pregava e naturaliza o discurso da superioridade do branco sobre os negros. Ser mulher e negra nessa época era basicamente estar condenada a sofrer todo tipo de violência, discriminação racial e social, abusos, e caso, alguma ousasse contrariar a ordem estabelecida, os castigos eram sempre terríveis (ALBUQUERQUE; FILHO, 2016).

Analisando trechos da obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo (2003), vemos que Ponciá mesmo vivendo na subordinação, a protagonista travava uma luta diária por sua sobrevivência na qual buscava sempre reinventar a própria identidade,

quando a narradora conta de modo não linear a trajetória de vida, da infância à fase adulta de Ponciá, narra fatos do passado e ao mesmo tempo mostra esperança de dias melhores quando a protagonista atingisse à fase adulta. “Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2003, p.33).

Tendo herdado o sobrenome do senhor de escravos (Coronel Vicêncio, proprietário do seu avô), Ponciá ainda criança já demonstrava sua indignação para com tal herança escravocrata: “[...] Menina tinha o hábito de ir à beira do rio e lá mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa” (EVARISTO, 2003, p.19). Ou seja, para Ponciá o sobrenome Vicêncio representava a herança da escravidão que não desejava ter e onde quer que Ponciá fosse o sobrenome Vicêncio estaria presente e lhe traria as lembranças amargas dos tempos vividos pelos seus antepassados no período da escravidão.

Conforme mostra o discutido acima, a classe dominante era tão opressora que retirava até mesmo o direito do negro ter um nome e como consequência, seus filhos acabavam recebendo o sobrenome do opressor, o que a bem da verdade representa um aniquilamento da identidade do povo africano. Ao receber o sobrenome dos algozes, negros e negras se tornavam parte das posses do coronel tal como ocorria com as terras, os animais.

Em toda a narrativa vemos que Ponciá relata internamente um sentimento de repulsa contra a opressão social e discriminação racial que seus familiares e a própria protagonista foram forçados a vivenciar, especialmente quando relata a indignação sofrida pelo pai no episódio em que fora obrigado a beber a urina do sinhô-moço. O pai mesmo indignado com a situação que vivia pós-abolição trazida pela Lei do Ventre Livre não ousava contrariar tal sistema nem questioná-lo, como bem nos mostra a citação a seguir:

Se eram livres, por que continuavam ali? Por que então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou ao pai, com jeito, muito jeito. Tinha medo do ataque dele. O braço cotoco do homem, ao bater, pesava como se fosse de ferro. Atingia-lhe sempre na cabeça, provocando um gosto de sangue na boca. Perguntou e a resposta do pai foi uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. O homem não encarou o menino. (EVARISTO, 2003, p.18).

O destino dos homens e mulheres traçados pelos burgueses era tão opressor que as mulheres permaneciam escravizadas nas senzalas, sofriam crueldades físicas e sexuais e os negros permaneciam acorrentados aos coronéis, pois no sistema patriarcal não existia esperanças de futuro melhor para os negros, sua sobrevivência permanecia dependente dos detentores da terra e do poder local. O avô de Ponciá é um exemplo claro dessa indignação, quando questionado pelo filho sobre o motivo que o mantinha condicionado ao seu ex-senhor, recorria à violência física como estratégia para abafar o sentimento de indignação ou simplesmente silenciava-se, porém o choro demonstrava uma revolta interior.

As mulheres negras desde sua chegada as terras brasileiras, foram e em muitos casos permanecem sendo vitimadas pelas práticas de racismo visíveis e invisíveis, pois “[...] no Brasil, o racismo prende-se às características fenotípicas, como cor da pele e textura do cabelo. Em função disso, o racismo brasileiro atinge mais as pessoas de ancestralidade africana e matiza as discriminações.” (BRASIL, 2005, p.13).

Ponciá inicialmente mostra-se conformada com seu destino, caso fosse permanecer nas terras doadas pelos Vicências quando exprime o seguinte pensamento: “[...] gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro” (EVARISTO, 2003, p. 19).

Contudo, à medida que Ponciá vai descobrindo-se como ser pensante, começa a imaginar um mundo em que houvesse mais igualdade e dignidade para as mulheres negras, em que seus algozes não estivessem mais presentes e aos poucos vai tomando coragem para partir em busca de um novo destino, pois “Estava cansada de tudo ali” (EVARISTO, 2003, p.33).

Avançando na análise da narrativa de Evaristo (2003), vemos que Ponciá, após a morte do pai começa a alimentar o sonho de viver uma vida digna, isto é, uma vida bem diferente daquela vivida nas terras dos ex-senhores do seu avô e seu pai, idealiza então construir uma vida para si em que a discriminação social e racial a que a família fora sujeitada não se fizesse mais presente. A citação abaixo demonstra sua insatisfação com a monotonia que experimentava cotidianamente:

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver as terras dos negros cobertas de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se todo dia. Ela acreditava que poderia traçar novos caminhos, inventar uma vida nova. (EVARISTO, 2003, p.33).

Grosso modo, pode-se dizer que Ponciá travava interiormente uma luta psicológica contínua contra a exploração, preconceito e discriminação racial e social que os negros foram forçados a enfrentar diariamente para conseguir manter suas famílias pelo menos alimentadas e vestidas, enquanto os maiores benefícios gerados pelo trabalho escravo continuavam sendo entregues aos senhores das terras.

Merece ainda ser realçado nesse estudo que Ponciá vivia na área rural o que já também representava uma segregação racial e por outro lado, os negros que habitavam a zona urbana sempre ocupavam as áreas mais degradadas, a elite burguesa só via os negros como serviçais, instrumento importante apenas para seu enriquecimento, o qual era obtido através da exploração massiva da sua força de trabalho (ALBUQUERQUE; FILHO, 2016).

A chegada de Ponciá a cidade grande despertou-lhe sentimentos de expectativas para a nova vida, apesar do desconforto da viagem, “O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça” (EVARISTO, 2003, p.36). Sem ter destino certo, Ponciá assistiu a missa, admirou a beleza da igreja, das imagens dos santos, dos seus fieis bem vestidos, mas ao fim da missa, saiu e acabou passando a noite alojada nos degraus da igreja, tendo como companhia mendigos, mulheres, crianças e homens que já viviam em situação de estratificação social, e sem ter onde morar, à noite faziam dos portais da igreja o local de acalanto para o corpo cansado. Ponciá não dormiu de imediato, o medo do futuro incerto fez com que ficasse boa parte da noite relembrando cenas de sua infância, adolescência, juventude que se misturavam e causavam-lhe saudades de casa, “Desejou estar no trem, estar de volta. Escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem baixo, quase silenciosamente, quase escondida de si própria, chorou” (EVARISTO, 2003, p.41).

No outro dia, após várias tentativas em vão para arranjar um emprego, Ponciá abordou uma senhora e esta lhe deu o endereço de uma prima que talvez estivesse precisando de uma ajudante. A mulher leu para ela o endereço e em seguida lhe entregou o papel. Ponciá “Leu e releu o endereço. Dobrou em seguida e guardou nos seios. Estava feliz, sabia ler” (EVARISTO, 2003, p.43).

Trabalhando sentia-se feliz, começou a acreditar que o trabalho iria lhe proporcionar a tão sonhada mudança de vida que a fez sair da Vila Vicêncio, “juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar a mãe e seu irmão” (EVARISTO, 2003, p.43).

A narrativa mostra-nos que apesar dos sofrimentos vividos, Ponciá havia se tornado uma mulher forte, idealista, escrevia para a mãe, mas nunca recebeu respostas. Quando o trem que passava pela Vila Vicêncio chegava à estação, a moça dirigia-se a estação na ânsia de encontrar algum conhecido que lhe desse notícias da mãe e do irmão. A saudade dos entes queridos era grande, porém, tinha receio de ausentar-se do trabalho e acabar perdendo o emprego. Sentimento que ainda hoje é comum para muitas mulheres negras, especialmente as que exercem a função de domésticas em residências da classe detentora do poder.

Todo o pensamento narrado por Ponciá é uma reprodução de várias situações de subalternização que a mulher negra teve que enfrentar, em vários trechos da obra vê-se sua tentativa de incluir-se numa sociedade racista e excludente:

[...] Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade. Nunca esqueceu o dia em que a patroa pediu para que ela pegasse o peignor atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira. Errava muito, mas aprendia muito também. (EVARISTO, 2003, p.43).

Mesmo com todo talento, inteligência e habilidades, o único lugar em que Ponciá conseguiu se inserir foi como empregada doméstica, profissão que tem marcado a trajetória da mulher negra no Brasil e que na modernidade tornou-se uma profissão reconhecida e valorizada, especialmente após o Estado garantir-lhes direitos trabalhistas que por décadas foram privilégio exclusivo destinado aos brancos.

Apesar das muitas inúmeras dificuldades enfrentadas, Ponciá conseguiu comprar uma casa, basicamente um quartinho na periferia da cidade e resolve retornar ao antigo povoado, lá chegando, memórias dos tempos de sofrimento e indignação contra a escravidão povoaram sua mente, olhando viu plantações e mais plantações que trouxeram a sua memória lembranças do pai e da sua ausência em sua vida, chegando às terras dos negros tudo estava igual. Ponciá chega enfim a antiga casa da sua infância, mas a encontra vazia.

Retorna a cidade, casa-se e aos poucos descobre que o marido é um opressor, um sujeito que por não entender os traumas que a mulher carregava consigo e ser também adepto do machismo, coloca a mulher sempre em situação de subalternidade, desconta sua insatisfação no relacionamento conflituoso que vivia agredindo a mulher fisicamente. Agora além da luta interna consigo mesma, Ponciá passa a sofrer o que hoje chamamos de violência doméstica, piorando a situação, uma incompatibilidade sanguínea a impossibilitou de ter filhos sadios. Em um momento em que Ponciá divagava com suas lembranças seu homem: “ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome” (EVARISTO, 2003, p.20).

Ponciá engravidou sete vezes e todas as gestações culminaram em abortos, o que de certa forma representa uma ruptura do mito da fertilidade da mulher negra. E tudo isso afetava seriamente sua saúde psíquica, vivia isolada num mundo de memórias que a colocava em estado catatônico, estava no mundo, mas vivia na solidão. “Lembrou-se [...] que quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que, grande, teria um homem e filho. Lá estava ela agora, com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz” (EVARISTO, 2003, p.54).

Importante ainda destacar que o racismo é responsável por boa parte da violência que a personagem sofre, Ponciá ao chegar à cidade já encontrou instalada uma segregação racial, a única ocupação para as mulheres negras era o trabalho doméstico e, semelhantemente, o único lugar destinado para os negros viver era a favela, a qual nesta época já era formada por um aglomerado de barracões, que na verdade pode ser caracterizado como uma extensão das senzalas.

Contrariando o mito da mulher negra, forte, Ponciá torna-se melancólica. Os lutos enfrentados, a incapacidade de cumprir a função de mãe e a vida monótona e agressiva ao lado do marido, pouco a pouco a conduziram-na a desenvolver sérios

problemas de fundo emocional, um desequilíbrio psicológico herdado do seu avô. “Nêgua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida” (EVARISTO, 2003, p.61).

Evaristo (2003) ao pontuar as fraquezas de Ponciá lança um olhar questionador acerca do mito de que a mulher negra seria forte fisicamente e psicologicamente. Apesar de nossa protagonista mostrar que a mulher negra tinha uma subjetividade, a narrativa aponta que tal subjetividade não era respeitada pela elite dominante, nem tampouco pelos homens negros, uma vez que estes também eram adeptos da cultura patriarcal, esperavam ter esposas, companheiras, que fossem submissas às suas vontades.

Apesar de Ponciá ter passado a maior parte da sua infância, adolescência e juventude exclusivamente ao lado da mãe, cujo comportamento era bem distinto do esperado na referida época, já que a mesma atuava como matriarca da família e na obra encontram-se situações em que a mãe de Ponciá mostrava-se contrariar às ordens do marido:

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com suas vasilhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. (EVARISTO, 2003, p.27).

Já Ponciá, pelos problemas psicológicos que a atormentavam, não conseguia sequer estabelecer um diálogo com seu homem, cumpria suas ordens, saciava sua sede e fome, fazia sexo, mas não conseguia estabelecer uma relação semelhante a que a mãe tivera com o pai. O marido de Ponciá por não compreender os vazios que atordoavam os sentidos da esposa, herança herdada de seu avô, passa a maltratá-la.

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p.83)

Tal como qualquer mulher do passado ou do presente, Ponciá desejava ser feliz, sentir-se realizada na cidade grande, porém, a estratificação racial criada entre negros e brancos já estava consolidada na sociedade brasileira, por isso, seus sonhos não se realizaram, seus filhos não nasceram e seu companheiro não a compreendia nem tampouco a respeitava, condicionando-a a viver subordinada a seus mandos e desmandos. Ponciá sofria a loucura herdada do avô e quando a mesma se concretizou, Ponciá atingiu um estado em que “[...] tinha risos nos lábios, enquanto todo seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso. Chorava ria, resmungava” (EVARISTO, 2003, p.127).

Ponciá vivia imersa em um mundo só seu, buscava nas memórias alento para sua alma, seu homem não a entendia, sentia-se só, tornara-se cada vez mais violento, descontando na mulher sua indignação contra seu silenciamento, sua ausência na relação que aos poucos tornou-se conflituosa, marcada pela violência física, pelo isolamento da mulher.

Assim, “[...] pouco a pouco, mais e mais, Ponciá adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta.” (EVARISTO, 2003, p.109). Dessa forma, nossa protagonista passou a viver num estado latente de vazio, “[...] de uma hora para outra era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com a qual ela se confundia” (EVARISTO, 2003, p.44).

Em síntese, em toda a obra vemos que a violência esteve presente na trajetória de vida dos personagens que compõem o romance e essa violência foi um dos fatores que levou o avô de Ponciá a loucura, que colocou seu pai num estado interior de indignação contra o sistema escravocrata, que fez com que muitas mulheres negras lutassem interiormente contra a escravatura com as armas que possuíam: a coragem e a disposição para trabalhar, tal como fazia a mãe de Ponciá, colocando nos jarros a esperança de dar aos filhos uma vida menos sofrida.

Ao reencontrar com a mãe e o irmão, no desfecho da narrativa, Ponciá se reconecta com os seus, reconecta-se com as memórias dos antepassados, se reconcilia com o seu pai e seu Vó Vicêncio. Ponciá volta para a roça, volta para o rio de sua infância, e ao se banhar nas águas abençoadas pelos seus ancestrais, purifica-se, buscando alívio para as feridas abertas, provocando por todos os anos de abandono, sofrimento e violência racista que vivenciou na cidade. No rio, ao lado

da mãe e do irmão, Ponciá se reencontra, preenchendo o vazio que há tanto tempo a acompanhava.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim da pesquisa, pode-se dizer que o diálogo construído com a obra *Ponciá Vicência* revela que o Brasil escravocrata, racista e desigual, produziu a cultura da segregação racial, fortemente marcada por práticas de racismo visível, invisível, discriminação, preconceito e subordinação dos africanos. Embora tais sujeitos tenham sido fundamentais ao progresso desejado pela nação, a elite burguesa os considerava meros objetos que podiam explorar para alcançar o enriquecimento ilícito.

Aos brancos os privilégios, aos negros nem sequer o direito de ter um nome legitimamente seu lhes foi garantido, tinham a obrigação de carregar o sobrenome de seus senhores, que na verdade foi outra forma de dominação ideológica, cultural e social que a obra *Ponciá Vicência* revela ao leitor.

A narração mostra que negros e negras foram trazidos à força para as terras brasileiras, estavam na sociedade, mas desta não participavam. Tanto homens quanto as mulheres viram-se subjugados a trabalhar nas lavouras, alguns até ao ponto de chegar à exaustão, como aconteceu com o pai de Ponciá, produzindo bens direcionados exclusivamente à manutenção do *status quo* da classe elitista.

Evaristo com excelente maestria, ao mesclar memórias do passado ao presente de Ponciá mostra que as mulheres foram duplamente penalizadas,

trabalhavam nas lavouras, nos serviços domésticos, eram mães-pretas para os filhos dos brancos e acima de tudo, eram exploradas sexualmente pelos patrões, feitores e usadas ainda como reprodutoras de novos escravos que mais tarde se convertiam em lucros para os coronéis.

Tratando-se especificamente de Ponciá Vicêncio, a protagonista, da sua infância a fase adulta, atravessou momentos emblemáticos de sofrimentos que acabaram produzindo sequelas em sua vida adulta e seu sofrimento é visível do início ao fim da leitura, culminando com um desequilíbrio psicológico e momentos marcantes de instabilidade social.

Em síntese, as problemáticas discutidas na narrativa como, por exemplo, o trabalho em regime de semi-escravidão mesmo após a implementação da Lei do Ventre Livre e até mesmo após a abolição da escravidão, o preconceito, as práticas de racismo, a violência contra a mulher, entre outros, revelam os fatores que dificultaram e ainda permanecem dificultando a inserção social dos sujeitos negros na sociedade elitista.

Mesmo vivendo na chamada era dos direitos, da democracia, contando com garantias legais como o Estatuto de Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), a maior parte da população negra ainda continuam sendo vitimadas pela segregação racial, preconceito, discriminação, exclusão social, marcada por práticas de racismo visíveis e invisíveis.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de.; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Disponível em: <www.geledes.org.br>. Acesso em 13 jan. 2020.

BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil**. 45ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018. (Série legislação).

Disponível em: <www.camaradosdeputados.gov.br>. Acesso em 15 jan. 2020.

_____. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1998.

Disponível em: <www.objdigital.bn.br>. Acesso em 16 jan. 2020.

_____. **Relatório de Desenvolvimento Humano: racismo, pobreza e violência**. Brasília: PNUD Brasil, 2005.

Disponível em: <www.pnudbrasil.org.br>. Acesso em 12 jan. 2020.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. (Tradução Heci Regina Candiani). 1ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte. Mazza, 2013.

QUEIROZ, Ivo Pereira de.; QUELUZ, Gilson Leandro. Raça , racismo e etnicidade: o legado colonial e o seu enfrentamento. In: LUZ, Nanci Stancki da.; CASAGRANDE, Lindamir Salete (Org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares**.

Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

Disponível em: <www.repositorio.utfpr.edu.br>. Acesso em 10 jan. 2020.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 5ed. São Paulo: Atlas, 2002.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa.; et al. **Psicologia social contemporânea**. 10ed. Petrópolis;RJ: Vozes, 2011.